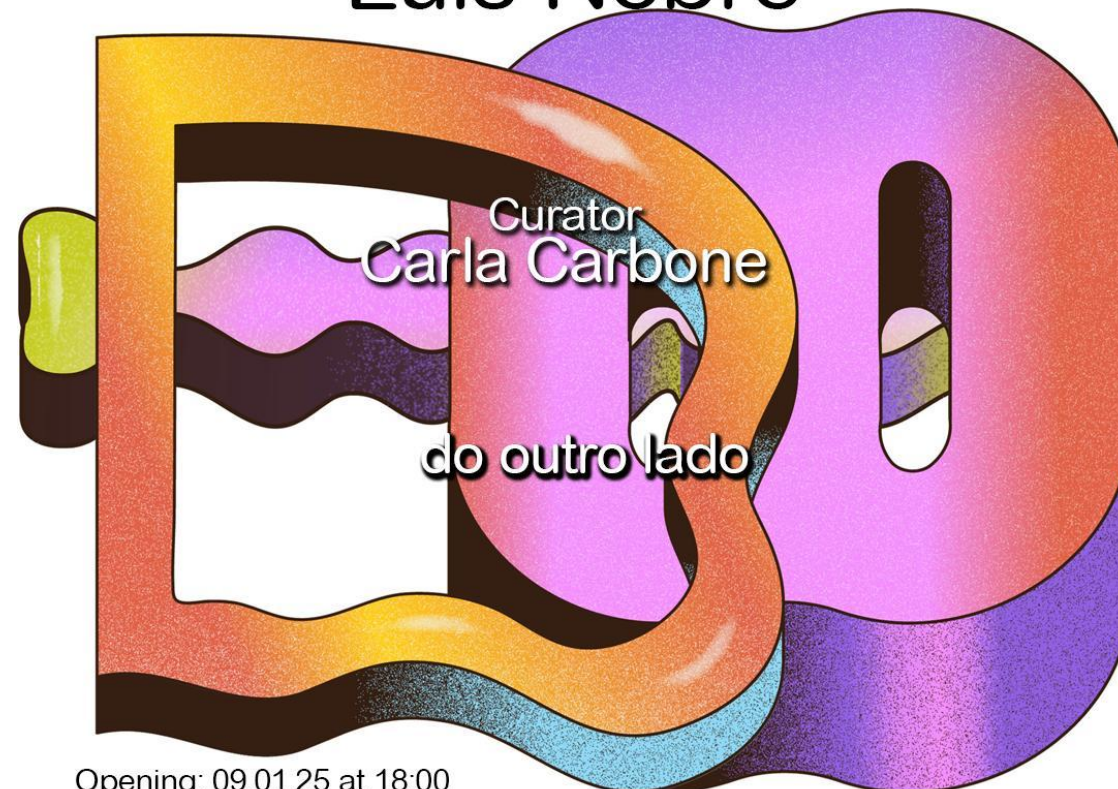


Luís Nobre

“Do outro lado”

09.01.2025-07.02.2025

Luís Nobre



Curator
Carla Carbone

do outro lado

Opening: 09.01.25 at 18:00
Exhibition: 09.01.25 a 07.02.25

@bracoperna44
www.bracoperna.com


bracoperna44
Contemporary and Multidisciplinary Space

Luís Nobre, Lisboa

Interessa-se na possibilidade (exploração) do desenho como meio de representação, mas também como uma forma de perceber a profunda sobreposição de camadas e as vibrações daí resultantes, as tensões do trabalho. As figuras apropriadas por várias linhas cronológicas e globais podem articular fissuras entre épocas, ambientes e categorias estéticas.

Vive e trabalha em Lisboa.

Licenciatura em Artes Plásticas, E.S.A.D.(2001) Caldas da Rainha.

Frequência do Doutoramento em Desenho F.B.A.U.L. (2012-14)

“Do outro lado”

O artista Luís Nobre tem exposto regularmente em museus, e procurado adequar o seu trabalho a diversos ambientes, como espaços arquitetónicos com história, compreendidos como obras de arte, nichos, dobras, elementos que adornam e adejam os lugares. Por entre requebros, curvas e contracurvas barrocas, ou desenhos de paisagem, tem estabelecido diálogos com diferentes tempos, driblado entre a pintura e o desenho, o desenho e a escultura/instalação, e arriscado, por novas linguagens, e renovadas facetas da sua obra.

Num fluxo ininterrupto, numa vertigem líquida, Nobre enceta caminhos, e recobre-se de lampejos e diálogos que estabelece consigo próprio, e com o espaço que ocupa na galeria.

É como se todo o processo do artista fosse marcado por uma descoberta permanente.

Uma caminhada, a várias escalas, onde, apesar da inteira consciência dos seus propósitos, e objetivos, perfeitamente delineados à partida, permitisse também a ocorrência do imprevisto, do inesperado, do acaso, do acidente, da transparência, da camada sobre camada, do exterior, do interior, do natural, do artificial. Pondo a descoberto os opostos, ou o que se posiciona “do outro lado” da imagem, ainda por supercar, ainda por transgredir.

O artista não desperdiça reminiscências do passado, pelo contrário, como um colecionador de curiosidades, transporta-as consigo, sempre que pode, até ao limite, até ao desconhecido, até ao que é mais desafiante, num perpétuo reclinar sobre a ideia de que a obra pode ser um confront, uma rupture, mas também uma frase reescrita, uma retrospective, uma memória, uma assemblage.

“Do outro lado”

Por entre paisagens e elementos do desenho, que por vezes resultam em configurações geométricas, ocorrem sopros de familiaridade, um certo reconhecimento da existência da informalidade. O artista revela a intimidade que acontece no atelier. Desvela, sem mascaramento, a fluidez e a ligação que se estabelece – de que falava Daniel Buren – entre o estúdio, lugar do processo (de experimentação), e a galeria, lugar da apresentação da obra. O estúdio é o princípio de tudo. Luís Nobre estende a obra à grandeza dos múltiplos começos, num lugar concreto como o da galeria e, conseqüentemente, deixa entrever a realidade intimista do atelier, o seu processo mágico e ininterrupto.

As peças portáteis, algumas quase “trouvé”, que se estendem e aninham agora na galeria, mais do que complementos, ou antes ornamentos, como diria novamente Buren, pertencem provisoriamente ao espaço arquitetónico em que se inscrevem. Um espaço que as cobre, acolhe, e com elas conversa. No entanto, essa configuração particular que se descobre na exposição, brevemente acabará, e a sua estrutura também será desmantelada. Movimento, transitoriedade e impossibilidade de eternização, na arte, poderão ser o mote, porém, a presença, na galeria, do “atos” do artista em contexto de estúdio, confere ao conjunto uma renovada e delicada incompletude, uma fragilidade e autenticidade ilimitada.

Carla Carbone



